

## **As imagens na visão do cego: experiências de quem vê com o corpo**

KOHLER, Andressa Dias<sup>1</sup>  
[andressadk@gmail.com](mailto:andressadk@gmail.com)  
PPGE/UFES

FOERSTE, Gerda Margit Schütz<sup>2</sup>  
[gerda.foerste@yahoo.com.br](mailto:gerda.foerste@yahoo.com.br)  
PPGE/UFES

### **Resumo**

Os relatos a seguir compõem parte de pesquisa de doutoramento em curso no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, com foco na leitura de imagens por parte de pessoas com deficiência visual. Neste excerto, busca-se refletir sobre a relação de pessoas cegas com o contexto imagético em que estão inseridas e sobre os processos de leitura de imagem a partir dos sentidos remanescentes. O referencial basilar compreende o teórico Walter Benjamin, em seus estudos sobre a reprodutibilidade técnica; o neurologista americano Oliver Sacks, cujas publicações relatam sobre pacientes com deficiência visual e seus processos de leitura e construção de imagens ocorridos no cérebro a partir da captura realizada pelos cinco sentidos; a professora doutora Gerda Margit Schütz Foerste, que aborda a leitura de imagens como intertexto, representação, fonte histórica e construção identitária; e o professor doutor Francisco de Lima e Silva, cujos escritos são referência na área de áudio-descrição e leitura háptica. Foram entrevistadas quatro pessoas cegas, com a participação de pesquisadores da linha de Educação e Linguagens. As experiências nos incitam a refletir sobre a necessidade de empoderamento das pessoas com deficiência visual a fim de amenizar ou extinguir as barreiras atitudinais na sociedade, que as impedem de experimentar informações visuais importantes no cotidiano.

**Palavras-chave:** Deficiência visual. Leitura de imagens. Empoderamento.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo. Professora de Língua Portuguesa e Transcritora Braille.

<sup>2</sup> Professora Adjunta, membro do Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo.

## Introdução

Neste escrito, propomos ao leitor uma trilha de reflexões sobre a cultura imagética, centrada em produtos visuocêntricos presentes cotidiano social, na mídia, no ambiente escolar e em materiais didáticos, com foco na relação que as pessoas com deficiência visual (cegueira congênita, cegueira adventícia ou baixa-visão) estabelecem com esses meios e esses produtos.

Há muito se emprega a máxima de que “Uma imagem vale mais que mil palavras”, pensamento chinês, cuja autoria é atribuída a Confúcio; da mesma forma que com frequência ouvimos o ditado popular de que “O que os olhos não veem o coração não sente”. Outrora consideradas frases de efeito, hoje poderíamos interpelá-las, torcê-las pelo avesso, se considerarmos que a leitura é feita com o corpo, com os cinco sentidos, e não somente com a visão.

As imagens, tão predominantes nos anúncios publicitários, cuja construção prevê rigor na seleção de fotografias, na criação de logomarcas e desenhos gráficos, bem como na escolha das cores, em consonância com interesses comerciais, persuadem o público consumidor a comprar os diversos produtos.

O design moderno e arrojado também chega às editoras, cujas publicações didáticas, jornalísticas ou de entretenimento são cada vez mais coloridas e com recursos imagéticos. Nos materiais didáticos impressos, por exemplo, são muito presentes os mapas, gráficos, tiras, charges, fotografias e muitos outros recursos imagéticos que visam não só à estética da publicação, mas à expressão de ideias e dados sintetizados. Assim, são comuns os exercícios de interpretação de gravuras, e o estudante se vê cada vez mais envolvido em um processo de ensino-aprendizagem atrelado às ilustrações.

E nesse sentido, Schütz -Foeste (2004, p. 15) considera que

A alfabetização estético-visual do cidadão se coloca, hoje, como uma necessidade imperiosa. O homem contemporâneo é desafiado a ler mensagens visuais num mundo predominantemente perpassado pela mídia e pelas imagens. Esse aspecto toma relevância, principalmente, quando, a partir da nova realidade técnico-produtiva, o discurso traz a exigência de que o profissional seja capaz de analisar, interpretar e intervir criativamente resolvemos situações inusitadas.

Feitas essas premissas, realçamos o foco deste trabalho, que trata da relação de indivíduos cegos com os diversos produtos visuocêntricos que fazem parte da vida

cotidiana: para uma pessoa cega, uma imagem valeria mais que mil palavras? Não estaria acessível ao coração o que os olhos não veem, no sentido literal da visão biológica?

Ao pensarmos que milhares de pessoas da sociedade possuem deficiência visual, provocamos alguns deslocamentos em relação ao sentido dominante, tão repetido e naturalizado, do que seja enxergar. Procuramos romper com a crença de que as pessoas com deficiência visual são incapazes de apreciar o mundo das imagens, ou que não têm interesse em fazê-lo.

Partimos do entendimento de que imagens e palavras são signos. Assim, ambas têm uma parte imagética, seja no signo em si, seja na imagem no plano das ideias, a parte interpretante dos signos.

Portanto, uma imagem valeria mais que mil palavras se compreendido que ela não é desfrutada apenas pelo sentido da visão, mas também pelo som, cheiro, toque, paladar e outras pistas sensoriais. Nesse contexto, a imagem relaciona-se à sensibilidade, bem como as próprias cores o fazem.

O presente texto, nesse sentido, se propõe a apresentar relatos de experiências de quatro pessoas cegas obtidos em encontro do grupo de pesquisa Educação e Linguagens, da Universidade Federal do Espírito Santo, em julho deste ano, estabelecendo um paralelo com os relatos do neurologista americano Oliver Sacks e a reprodutibilidade técnica defendida por Walter Benjamin.

## **Objetivos**

Traçamos como objetivo geral deste texto refletir sobre a relação de pessoas com deficiência visual e o contexto imagético em que estão inseridas. Em outras palavras, pretende-se compreender quais são as necessidades visuais desses indivíduos e como elas são supridas no cotidiano de cada uma.

Dentre os objetivos específicos estão: a) relatar experiências de pessoas cegas, no que diz respeito às suas diferentes formas de leitura de imagens no cotidiano; b) analisar como esses processos de leitura empoderam essas pessoas e amenizam as barreiras atitudinais presentes no contexto social delas; c) aventar de quais recursos de

tecnologia assistiva para leitura de imagens esses indivíduos poderiam se servir para o próprio empoderamento.

## **Desenvolvimento**

Os relatos a seguir foram obtidos por meio de entrevistas, diálogo grupal, filmagens e fotografias com participação do grupo de pesquisa Imagens, Tecnologias e Infâncias, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo. O grupo pesquisado participa do CAP - Centro de Apoio Pedagógico às Pessoas com Deficiência Visual - e integrou este estudo após receber informações sobre os objetivos da pesquisa e dar ciência ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Seus nomes serão preservados. Para tanto, utilizaremos letras do alfabeto para apresentá-los.

O diálogo com os pesquisadores da Universidade foi realizado em julho de 2014 na biblioteca da Escola Estadual Desembargador Carlos Xavier Paes Barreto, em Vitória, e constituiu importante instrumento de compartilhamento de experiências distintas e ao mesmo tempo comuns, como podemos perceber nos relatos que seguem:

Naquele momento, F., moradora de Vila Velha, Espírito Santo, revelou um de seus sonhos: ver a Terceira Ponte, que liga os municípios de Vitória e Vila Velha. Um detalhe, todavia, tornava esse sonho mais instigante: F, que já passara muitas vezes pela ponte, vê o mundo com seus quatro sentidos remanescentes: audição, tato, paladar e olfato -, sem o sentido dominante da maioria das pessoas: a visão.

A mulher de pele branca, cabelos pretos e voz contagiante, vestia um liso vestido salmão, pulseiras e cordão, para nos ensinar naquela tarde um pouco sobre como se relaciona com o mundo imagético. Ela participava do evento com a satisfação de quem fora convidada para uma grande festa.

F. relatou que cresceu numa família que a estimulou a valorizar as cores e a estética – fato que ela atribui ao desejo dos familiares de que ela enxergasse. Por conseguinte, ela disse ter se esforçado para entender o mundo dos videntes e para que fosse compreendida em seu mundo.

Dentre muitas experiências, ela se lembrou de quando passeava de lancha com o pai militar e lhe emprestava seu olfato enquanto ele lhe descrevia as imagens da

paisagem. Pelo cheiro, ela dizia receber as pistas do chegar da tarde. Da mesma forma, o aroma do mar a fazia lembrar o azul, cor do céu. Assim como o sol, quente, a lembrava o vermelho. F. conferia às cores um papel importante em sua vida.

Com o olfato e os ouvidos apurados, e a proximidade com pessoas do meio militar, ela nos revelou que reconhece o cheiro de farda e o som do coturno nos pés de quem caminha. Não fora por menos o seu sonho de conhecer os Dragões da Independência, 1º Regimento de Cavalaria de Guardas, em Brasília, e responsável pela segurança da Presidente da República:

[...] Um dia eu fui a Brasília e, de tanto ouvir falar daqueles Dragões, eu ficava pensando como seriam. Até que de tanto eu insistir, eles me permitiram tocar um deles. Foram só trinta segundos, mas eu realizei o meu sonho de ver os Dragões naquele dia” (F. em diálogo grupal, Julho de 2014).

F. construiu a imagem mental a partir das descrições verbais e do toque. E essa mesma capacidade de construir e de imaginar a levaram a sonhar com o vestido de noiva e o penteado do próprio casamento. Assim, realizou o sonho de se casar com os adereços que sonhara. Com a mesma autonomia, ela disse escolher as próprias roupas e os sapatos.

F., que considera necessário criar um link entre a potência de uma pessoa cega e o mundo visual, assistiu recentemente ao filme *A culpa é das Estrelas* e se emocionou no cinema, onde pediu auxílio a uma amiga nas cenas cuja compreensão dependia do sentido visual:

[...] Antigamente era mais difícil assistir, porque a maioria dos filmes eram legendados, quase não tinha filme dublado. Quando foi lançado o Titanic só tinha legendado. Então numa tarde eu peguei o filme para ver em casa e quatro amigos dublaram as vozes dos personagens e as cenas mais visuais (F., em diálogo grupal, Julho de 2014).

F. também acompanhou os jogos da Copa do Mundo de 2014 solicitando a áudio-descrição das pessoas videntes mais próximas quando precisava.

Leitora de Braille desde os quatro anos, ela fez graduação de Serviço Social e, nesse período quis conhecer um presídio. Na ocasião, reconheceu pelo toque um ladrão que em outro momento assaltara a residência dela junto a outros comparsas. Ela conta

jamais ter esquecido o toque que, no momento do assalto, lhe transmitiu estranha proteção por parte de um dos bandidos.

Em outro momento do mesmo bate-papo, ouvimos o depoimento de J., nicaraguense que há anos também mora em Vila Velha. Em Vitória ele atua como professor de Língua Portuguesa e como revisor de textos em Braille.

Apesar da cegueira congênita, causada por glaucoma, J. se relaciona de maneira diferente à de F. com o mundo imagético. Ao descrever a cadeira que estava ao seu lado, ele detalhou o encosto e o assento de madeira, os parafusos, os quatro pés e as partes metálicas, mas disse não se importar saber se o objeto tinha cor de madeira ou outra, uma vez que para ele não faria diferença: ele considera a imagem importante para quem enxerga, mas de pouco valor à pessoa cega: “*Descrever uma cor, para mim, não me dá parâmetros suficientes para eu formar uma imagem mental dessa cor*” (J., em diálogo grupal, Julho de 2014).

J. descreveu que, ao sonhar enquanto dorme, repete realidades do dia a dia: identifica pessoas pelo som, pela fala, pelo cheiro e pelo toque. Mas ele reconhece que a experiência com as imagens muda de pessoa para pessoa. Para ele, quem já enxergou tende a utilizar a memória visual para construir novas imagens em seu dia a dia, experiência bem diferente da que ele vive.

Ao revisar os livros didáticos em Braille, ele considera desnecessários muitos detalhes descritivos.

Uma experiência estética em museu, relatada por J., foi a visita à exposição “Camille Claudel – na sombra de Rodin”, no Museu de Artes do Espírito Santo (MAES), onde havia monitoria para pessoas com deficiência visual. Na ocasião, ele teve acesso tátil às obras expostas, o que tornou a exposição significativa para ele. Mas o professor lamenta não haver muitas exposições acessíveis como essa.

Na mesma tarde, ouvimos E. Ele, que tem uma história bastante diferente, ainda se acostuma com mundo sem luz e cores, movido pelas memórias visuais e pela imaginação.

E., que chegou à reunião sorridente e acompanhado da esposa e do filho, teve perda progressiva da visão a partir dos 17 anos devido a um glaucoma, e há dois convive com a cegueira total. Comerciante aposentado, ele ainda trabalha com a mulher como guia turístico: cedeu a direção do veículo a ela, mas é ele quem narra a história de

cada ponto turístico aos visitantes. O casal também faz doces para vender e E. reconhece o momento em que a mistura chega ao ponto de sair da panela.

Recentemente ele venceu a barreira de ir ao cinema pela primeira vez após perder a visão. Descontraído, reclamou de pagar o mesmo valor que os outros telespectadores, mas diz ter acompanhado muito bem o filme apenas pela audição e pela audiodescrição ao pé do ouvido feita pela esposa.

Com a companhia do filho, E. recebe no Cap instruções de Orientação e Mobilidade, Braille e Informática. Mas já frequenta a padaria do bairro sozinho e tenta utilizar a bengala.

O primeiro ano sem enxergar foi mais difícil, segundo ele. Passado o momento de maior luto, o comerciante envolveu-se no Movimento Capixaba de Combate ao Glaucoma e participa de campanhas. Recentemente, esse grupo providenciou uma réplica da taça da Copa do Mundo e a apresentou no Instituto Braille, em Vitória, para que outras pessoas com deficiência visual pudessem vê-la com o tato, uma vez que isso não foi permitido quando a taça original foi exposta no shopping da capital.

E. também acompanha o trabalho de adaptação acessível do Planetário de Vitória. No local, ele dá sugestões quanto às necessidades de quem não enxerga ou possui baixa visão. E é dessa forma que ele busca se reinserir na sociedade sem esperar dela o movimento de inclusão.

O quarto e último depoimento foi de G., mãe há poucos meses e com uma história que se assemelha à de E. apenas quanto à perda progressiva da visão, no caso dela, devido à retinose pigmentar. G. ainda tem um pequeno resíduo visual, que ela descreve como um “canudinho”, na região central do globo ocular, e cada vez menor. Na região periférica já não consegue perceber luzes, cores ou movimentos.

Ela, que chegou a iniciar as faculdades de Pedagogia e Direito, encontrou muitas dificuldades de acessibilidade às aulas e ao material didático: muitos recursos audiovisuais não adaptados, ausência de material impresso ampliado, dificuldades para utilizar o laboratório de informática, dentre outras questões.

Em certa ocasião, participou da oficina “Audiodescrição Por Nós Mesmos” no Cineclube do Instituto Marlin Azul, em Vitória, onde adquiriu noções básicas de como realizar a audiodescrição, e conheceu o processo de adaptação do curta *As curvas de Niemeyer*.

Encantada com o trabalho, G. lamenta que haja poucas horas semanais de programação na TV aberta brasileira com áudio-descrição. Mesmo assim, ela relata assistir a novelas, principalmente reprises, uma vez que utiliza a memória visual das primeiras exibições.

Os relatos dessas quatro pessoas em diversos momentos lembram as narrativas de Oliver Sacks, neurologista e escritor americano, em seu livro *O olhar da mente* (2010). Na obra, o autor relata alguns casos clínicos envolvendo distúrbios da memória e da visão.

Oliver narra a história de Lilian Kallir, uma célebre pianista que durante uma apresentação musical surpreendeu-se ao não conseguir ler o concerto de número 21 para piano, de Mozart, pois apesar de ver as pautas e as notas, o conjunto não lhe fazia sentido. A atrofia detectada no córtex afetou sua visão, sua memória e sua capacidade de ler e de escrever. A memória, antes alimentada em grande parte pelos olhos, passou a ser nutrida pela audição, de forma que Lilian passou a utilizar mais esse sentido para produzir e reproduzir músicas. E, como não lia rótulos dos condimentos, passou a utilizar o olfato para identifica-los. Mudou também a sua forma de organização nos diferentes espaços:

[...] para isso usava um sistema de classificação informal em vez do conhecimento perceptual direto. Categorizava as coisas não com base no significado, mas na cor, tamanho, forma e posição; pelo contexto, por associação, mais ou menos como um analfabeto organizaria os livros numa biblioteca. Cada coisa tinha seu lugar, e Lilian memorizara isso (SACKS, 2010, p. 15).

Quando a categorização não funcionava, ela agia por tentativa e erro. Também desenvolvia mapas mentais, por exemplo, dos diversos corredores do supermercado que frequentava e usava a inferências para identificar objetos: a percepção das cores, formas, texturas e movimentos, além da memória.

Sacks narra ainda, na obra, a história de Howard Engel (SACKS, 2010, p. 55), escritor canadense que, vítima de um derrame, não era mais capaz de identificar o que via, distúrbio que o autor chama de agnosia visual. Howard não identificava os rostos de pessoas próximas. Sobre isso, Oliver ressalta as associações entre as funções da mente e do cérebro:



Em fins do século XVIII, o anatomista Franz Joseph Gall supôs que todas as funções mentais surgiam do cérebro — e não da "alma", como muitos imaginavam, nem do coração ou do fígado. Ele visualizou no cérebro uma coleção de 27 "órgãos", cada um responsável por uma faculdade moral ou mental. Entre essas faculdades, segundo Gall, estavam as que hoje chamamos de funções perceptuais, como as sensações das cores e sons, de faculdades cognitivas, como a memória, a aptidão mecânica ou a fala e linguagem, e até as características "morais" como amizade, benevolência ou orgulho (SACKS, 2010, p. 93).

Sob essa concepção, para Sacks há uma predisposição ou potencial para muitas capacidades do ser humano determinadas pela genética, como a habilidade linguística e a visão estereoscópica, mas que requerem estimulação e prática para se desenvolverem. Ele atribui à experiência e à seleção pela experiência a realização plena das capacidades cognitivas e perceptuais.

Além disso, para Oliver, o *reconhecimento* de objetos, rostos ou lugares, para quem possui distúrbios visuais, partiria do conhecimento prévio que se tem deles. Já a *familiaridade* dependeria do sentimento que eles provocam na pessoa com deficiência visual. Fato análogo ao depoimento de F., quando ela relatou sentir-se protegida ao toque de um dos ladrões que invadiram sua casa e reconhecê-lo em outro momento.

Sacks também discute sobre a sensação de profundidade que nós temos ao visualizar os objetos, pessoas e paisagens. Ele cita o caso de outro paciente e amigo, chamado Paul Romano, médico oftalmologista aposentado que, na idade adulta perdeu a visão de um dos olhos. Em seu depoimento, Romano - cujos estudos voltaram-se durante anos, quando ainda tinha visão binocular, para a estereoscopia – explica que a sensação de profundidade ocorre através da discrepância e da fusão das imagens recebidas pelos dois olhos. Ele cita o exemplo das fotografias estereoscópicas, que possibilitam ao observador perceber a profundidade, como numa imagem em 3-D. A estereoscopia seria possível apenas pela visão binocular, ou seja, a pessoa que não possui visão em um dos olhos estaria privada da visão de profundidade (SACKS, 2010, p. 118). Não é raro ouvirmos depoimentos de pessoas com visão monocular que, ao tentarem assistir a um filme em 3-D no cinema não conseguiram sentir diferença na visualização das imagens, mesmo com os óculos especiais fornecidos pelo estabelecimento. Da mesma forma, essas pessoas tendem a não perceber alguns obstáculos no chão ao caminhar, ou perceber o último degrau das escadas, ou até mesmo a velocidade de um veículo que se pretende ultrapassar no trânsito. Para

Romano, “a percepção de profundidade estereoscópica binocular não é só um fenômeno visual. É um modo de vida. [...] A vida em um mundo bidimensional é muito diferente daquela em um mundo tridimensional, e muito inferior” (SACKS, 2010, p. 118).

Oliver prossegue seus escritos relatando o caso de Sue Barry, que durante muitos anos conviveu bem com a visão monocular, e, após cirurgia e sessões de terapia com optometrista, começou a enxergar com os dois olhos e a vivenciar suas primeiras experiências com a visão estereoscópica. Nesse caso, Sue sentia como se os objetos saltassem perante os seus olhos, e teve que aprender a conviver com sua nova percepção visual de profundidade e de distância. As flores, dizia ela, pareciam “intensamente reais, infladas”, enquanto antes pareciam “achatadas ou “esvaziadas” (SACKS, 2010, p. 131).

Outro caso muito interessante relatado por Oliver é o de John Hull, professor de ensino religioso na Inglaterra. O homem, que nasceu enxergando parcialmente, perdeu a visão em um dos olhos aos 13 anos e aos 48 perdeu a segunda. A experiência de perder a visão aos poucos deu origem ao livro *Touching the rock: an experience of blindness*, no qual Hull descreve sua redução gradual da imagética e memória visuais após ficar cego, até chegar ao ponto em que essas imagens e memórias foram extintas de sua mente, com exceção do sonhos que tinha enquanto dormia. Segundo John, após se esquecer completamente das imagens, ele perdeu a noção do que fora um dia enxergar. Chegou inclusive a perder o entendimento de expressões como “aqui”, “ali” e “defronte” (OLIVER, 2010, p. 201). O professor deixou de imaginar os rostos de pessoas conhecidas, bem como os objetos ao seu redor, mas sentiu a intensificação de seus outros sentidos, processo que ocorreu aproximadamente dois anos após a perda total da visão. Todavia, passado o momento de luto, ele descreve o quanto se aproximou da natureza, como “alguém que vê com o corpo todo”, e que passara a observar detalhes dantes não percebidos:

A chuva tem um modo de revelar os contornos de tudo; joga um manto colorido sobre coisas antes invisíveis; em vez de um mundo intermitente e, portanto, fragmentado, a chuva que cai ininterruptamente cria a continuidade da sensação acústica. [...] apresenta de uma vez a totalidade de uma situação [...] dá uma ideia da perspectiva e das verdadeiras relações de uma parte do mundo com outra (HULL *apud* SACKS, 2010, p. 203).

E foi assim que John Hull se referia ao novo estado como “uma dádiva misteriosa, paradoxal”, que possibilitou a ele o redirecionamento para uma nova identidade perceptual.

Assim, no caso de Hull, enquanto perdia sua capacidade visual, o seu cérebro potencializou outras funções sensitivas. Todavia, Oliver relata que muitos de seus pacientes reagiram indignados com a publicação do relato de John Hull, uma vez que a experiência dele não condizia com a de outras pessoas que perderam a visão na idade adulta e que conservam suas memórias visuais, chegando a orientar-se por meio delas.

Um outro paciente, Torey, explicou que, após sua perda de visão aos 21 anos, procurou ampliar seu “olhar interno” para construir imagens mentais, chegando a trocar sozinho as calhas do telhado de casa. Sua experiência como cego o instigou a escrever um livro no qual relata algumas das memórias visuais de sua infância e de sua juventude na Hungria: “ [...] os ônibus azul-celeste de Budapeste, os bondes amarelo-ovo, o acendimento dos lampiões a gás, o funicular do lado de Buda [...]” (SACKS, 2010, 208). Além disso, Torey explica que a convivência com o pai diretor de cinema o instigou desde cedo a ler histórias e enredos, de forma que exercitou a sua imaginação, que anos mais tarde lhe foi muito útil após a perda da visão.

Sacks ressalta que as observações clínicas sobre os paralelos entre a percepção visual e a visualização de imagens já são feitas há no mínimo um século. Ele cita que Kosslyn e outros pesquisadores defendem que a percepção visual depende das imagens mentais, e que visualizar imagens pode ser fundamental para o próprio raciocínio (para resolver problemas, planejar, projetar e teorizar).

Nesse sentido, Oliver provoca o leitor com um questionamento instigante: “Se o papel central das imagens mentais é permitir a percepção e o reconhecimento visual, para que elas servem se a pessoa ficar cega?” (SACKS, 2010, p. 230).

### **Conclusões parciais**

As experiências relatadas nos incitam a refletir que há, por parte de pessoas com deficiência visual congênita ou adventícia a necessidade de construir imagens mentais e não apenas imaginá-las, e que a construção ocorre a partir do uso dos sentidos remanescentes e de descrições verbais. A memória visual de quem já enxergou pode

permanecer ativa por muito tempo, como pode ser extinta se não for exercitada. Portanto, não se pode generalizar de que as pessoas com cegueira adventícia têm mais facilidade de construir imagens mentais. Essa construção perpassa a experiência sensorial e de vida de cada pessoa, pois há diferentes formas e necessidades de se desfrutar das imagens.

Todavia, ignorar a necessidade de vivenciar experiências estéticas é ferir direitos fundamentais, como educação, lazer, cultura e comunicação.

Por exemplo, o fato de essas pessoas recorrerem em muitos momentos à descrição ao pé de ouvido revela que a descrição verbal é de suma importância para se capturar informações quando não se tem a visão, bem como o toque. Todavia, ainda há muitas barreiras atitudinais presentes na sociedade e que comprometem a autonomia e o empoderamento de pessoas com deficiência visual em situações que requerem exclusivamente o uso da visão. É a sociedade que decide arbitrariamente e a todo instante o que pessoas cegas podem ou não ver: peças de arte nos museus, produtos nos supermercados, contas a pagar, murais de escola, imagens nos livros didáticos, dentre outras.

Uma das tecnologias assistivas que precisa ser garantida é a áudio-descrição, inscrita como direito legal (Lei Federal nº 10.098/00; Decreto Federal nº 5.296/04; Decreto Legislativo nº 186/2008; Decreto nº 6.949/2009) e que se aplica aos eventos visuais, imagens estáticas ou dinâmicas, encontradas na forma de figuras, desenhos, pinturas, fotos, dentre outras, apresentadas em suportes como álbuns, catálogos, livros, *slides*, painéis, vídeos etc. (Lima et al 2009, p.2), e cuja leitura pode ser feita em áudio ou de forma háptica (em suporte Braille). Com esse recurso, pessoas com quaisquer restrições podem ter acesso a informações visuais importantes no cotidiano.

Tanto a áudio-descrição como a reprodução de imagens em alto-relevo são recursos consonantes à ideia de acessibilidade tratada por Walter Benjamin quando ele aborda a reprodutibilidade técnica da obra de arte. Ele nos incita a refletir sobre o quanto a tecnologia e a reprodutibilidade técnica podem romper barreiras de acessibilidade cultural a todos, o que vai ao encontro das discussões sobre diversidade e inclusão fomentadas nos últimos anos nos meios acadêmicos, sociais e políticos. Para Benjamin, a reprodutibilidade técnica alterou a relação das massas com a arte.

O decreto nº 5.296, de 2004, e a portaria nº 310, de 2006, complementaram as disposições sobre o serviço de radiofusão de sons e imagens, bem como o serviço de

retransmissão de televisão, visando tornar sons e imagens acessíveis para as pessoas com deficiência, por meio de um plano de medidas técnicas, com o escopo de permitir o uso da linguagem de sinais ou outra em substituição, para garantir o direito de acesso à informação às pessoas com deficiência auditiva e visual.

São recursos que pressupõem certo nível de reprodutibilidade técnica, na medida em que intervêm sobre a obra original para torná-la acessível. É uma incógnita saber com o filósofo Walter Benjamin discorreria sobre os rumos tomados pela reprodutibilidade contemporânea, mas é fato que o acesso às imagens por descrições verbais ou por recursos tridimensionais pode ser impulsionado se nos apropriarmos da tecnologia e das técnicas já disponíveis para fazê-los.

## Referências

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas 1: Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaio sobre literatura e história da cultura.** São Paulo: Brasiliense, 1994.

FOERSTE, Gerda Margit Schutz. **Leitura de imagens: um desafio à educação contemporânea.** Vitória: EDUFES, 2004.

LIMA, F. J. e LIMA, R.A. F. **O direito das crianças com deficiência visual à áudio-descrição.** Revista Brasileira de Tradução Visual, vol3, 2011. Disponível em <http://www.rbtv.associadosdainclusao.com.br/>. Acesso em 20/07/2014.

LIMA, F; LIMA, R.A. F. e GUEDES L. C. **Em Defesa da Áudio-descrição: contribuições da Convenção sobre os Direitos da Pessoa com Deficiência.** Revista Brasileira de Tradução Visual, 1º vol, 2009. Disponível em <http://www.rbtv.associadosdainclusao.com.br/>. Acesso em 20/07/2014.

LIMA, Francisco J. e TAVARES, Fabiana S. S. **Subsídios para a construção de um código de conduta profissional do áudio-descritor.** Revista Brasileira de Tradução Visual, 2010. 5ªed. Disponível em <http://www.rbtv.associadosdainclusao.com.br/>. Acesso em 21/07/2014.

\_\_\_\_\_. **Barreiras atitudinais: obstáculos à pessoa com deficiência na escola.** In: OLGA SOLANGE HERVAL SOUZA. (Org.). Itinerários da Inclusão Escolar - Múltiplos Olhares, Saberes e Práticas. Canoas: Ulbra, 2008, v. , p. 23-32.

LIMA, Francisco J.; GUEDES, L. C. e GUEDES, M. C. **Áudio-descrição: orientações para uma prática sem barreiras atitudinais.** Revista Brasileira de Tradução Visual, 2010. Vol.2. Disponível em <http://www.rbtv.associadosdainclusao.com.br/>. Acesso em 20/07/2014.